

FONTE : JB

CLASS. : 43

DATA : 16 01 90

PG. : 07

Fazendas fragmentam floresta e mudam ecossistema amazônico

Sérgio Adeodato

MANAUS — O artigo do Código Florestal que obriga os donos de fazenda na Amazônia a manterem intocáveis pelo menos 50% da vegetação nativa de suas propriedades não tem contribuído muito para a proteção das espécies animais e vegetais que habitam essas áreas. Ao contrário, a fragmentação da mata muda as características climáticas e provoca o desaparecimento de espécies não habituadas a espaços pequenos.

Essa é a principal conclusão de uma pesquisa de campo coordenada pelo ornitólogo norte-americano Thomas Lovejoy, pesquisador do Smithsonian Institute, em Washington. Os resultados desse estudo, que tenta descobrir qual a menor área de floresta possível para a preservação de espécies, estão sendo levados em consideração pelos cientistas de todo o mundo que participam do Workshop 90 em Manaus. Ao final dessa reunião, os especialistas apresentarão um mapa da Amazônia com as áreas prioritárias para preservação, a partir do cruzamento de dados científicos sobre o sistema vegetal, geomorfologia, recursos hídricos, pássaros, mamíferos, insetos, anfíbios e peixes.

Em acordo com fazendeiros, Lovejoy demarcou nas vizinhanças de Manaus 12 áreas de preservação que variam de 1 hectare a 1000 hectares e observou o comportamento das espécies. Verificou que o isolamento tira a proteção do interior da mata à insolação. A temperatura úmida e constante, perto dos 20 graus centígrados na floresta fechada, passa a ser muito maior devido ao vento e aos fluxos de luz do sol e umidade que pene-

tram na mata provenientes das áreas da fazenda, devastadas para a agropecuária. A umidade relativa torna-se muito baixa para as temperaturas mais altas, e somente 30 hectares no centro de uma área de 100 hectares de floresta permanecem intocáveis, locais onde, no solo, chega apenas 1 por cento de luz solar. O impacto sobre o meio ambiente da área isolada diminui muito quando há um cinturão de mata de 200 metros ao redor da unidade.

Os fluxos de luz que penetram pela fronteira entre o pasto e a floresta estimulam a entrada de borboletas, causando problemas para as já existentes da área isolada. Em outros casos, algumas espécies não conseguem viver confinadas em espaço reduzido. Aves da família das *pithys albifrons* disputam com as formigas de coração a caça de insetos dentro da mata. Por isso, esses pássaros, que seguem as formigas para descobrir onde estão os insetos, necessitam de uma área maior que 100 hectares para sobreviver.

Sobrevivência — Através de binóculos, os cientistas observaram também que o macaco guariba precisa apenas de 10 hectares, porque se alimenta de folhas. Mas o macaco-aranha exige mais de 1000 hectares para comer frutas específicas e ovos de ninhos. Já o grande gavião rápia, que ataca macacos, não consegue sobreviver em florestas de menos de 1 milhão de hectares.

O isolamento de áreas de florestas também prejudica a reprodução de espécies vegetais. "Existem abelhas específicas para polinizar uma determinada espécie, mas, numa área pequena, o inseto não tem condições de fazer sua tarefa.

Sem sementes e frutos, a espécie vai desaparecer", explica Lovejoy. "A maioria das espécies da floresta tropical é muito rara e precisa de cerca de 1 milhão de hectares para ser protegida", concluiu o cientista. Na Amazônia Central, por exemplo, existem cerca de 300 espécies de aves em cada 10 hectares.

Atualmente, muitos pesquisadores desenvolvem tese de mestrado e doutorado nestas florestas isoladas por Lovejoy. Alguns estudam o tamanho ideal da floresta para a sobrevivência das moscas *drosófilas*, e outros observam o comportamento dos cipós que, para se reproduzir, dependem de pássaros que espalham suas sementes. Após a conclusão das pesquisas com essas unidades isoladas, Lovejoy pretende transformá-las em estações científicas, "porque as espécies dessas áreas já estarão muito bem conhecidas e podem ser aproveitadas para outros estudos", justifica.

Para Lovejoy, os parques nacionais na Amazônia devem ser demarcados com uma área de floresta nativa adjacente de 200 metros, a fim de evitar a penetração dos efeitos nocivos que chegam da área devastada das fazendas. Outra sugestão de Lovejoy: "O governo deve estudar junto com os fazendeiros a forma de se desenharem esses 50 por cento de mata preservada obrigatória". Hoje, a parte de floresta de uma fazenda dificilmente é adjacente à de outra. Esse isolamento dificulta a preservação das espécies. "Mas difícil mesmo é cumprir a lei", admite Célio Valle, diretor de ecossistemas do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).